

CASO MILENA

Milena era uma linda garotinha de dois anos, filha única de um casal jovem que nos procurou para buscar orientações sobre a educação da filha. Os pais eram superprotetores. Não somente os pais, os avós também. Além de filha única, Milena também era a primeira neta de quatro avós. Dá para imaginar o título de princesa auferido a essa criança. Podia tudo, sempre tinha alguém para não permitir qualquer frustração da criança. Claro que as conseqüências começaram a surgir com essa idade. A queixa maior era da mãe que não podia se descuidar um segundo sequer que a filha saia de sua visão. Parece que ela instituiu um comportamento de fugir só para ver o desespero da mãe ao procura-la. A criança se divertia com isso. A mãe nos contou que não podia soltar da mão da filha na rua ou em lojas, em momento algum, porque o seu comportamento imediato era fugir e se esconder. Isso a deixava desesperada.

Extinção de comportamentos indesejados em crianças de dois anos, via reforçamento é muito difícil, pois elas ainda não conseguem assimilar cognitivamente os riscos desse tipo de atitude, elas não identificam corretamente a significação. Então não adianta muito falar para a filha que ela pode se perder da mãe, que pode sofrer algum tipo de acidente, etc, porque o comportamento vai continuar. Assim, a extinção por aversão nesses casos, é mais eficiente. Para tanto, a maior dificuldade é conseguir convencer os pais desse procedimento, faze-los participar de um complô contra a própria filha, no qual a criança, em algum momento, será frustrada, levará um susto e deverá até chorar.

Foi difícil e exigiu algumas sessões para convencer os pais. No entanto, o plano era bastante seguro e não oferecia riscos para ninguém. A idéia era criar uma situação na qual a criança deveria sofrer as conseqüências da sua atitude e extinguir esse comportamento indesejado. Assim fizemos, ensaiamos os papeis, e a ação foi a seguinte:

A mãe foi para um shopping com a filha e, na primeira vitrine, soltou-lhe a mão. Milena, como sempre, saiu de fininho e depois em disparada para bem longe. A mãe deu um tempo e sentou num banco do corredor do shopping para aguardar a seqüência de ações enquanto roia as unhas. A

criança entrou numa loja e, após alguns minutos, começou a demonstrar preocupação por não ver a mãe, desesperada como sempre, correndo atrás dela. As funcionárias da loja tentaram conversar, mas a criança já estava chorando e chamando pela mãe. Com o quadro de “criança perdida” no shopping instalado seguiram-se as ações de comunicar a segurança e levar a criança para uma sala da administração enquanto a mãe era chamada pelo sistema de alto falantes e informada de que sua filha fora encontrada.

O encontro das duas foi algo assim, surreal, muito emocionante. A filha chorava copiosamente e a mãe, já sem unhas, reagia da mesma forma. Se abraçaram e a mãe ainda recebeu uma advertência dos seguranças para tomar mais cuidado com a filha da próxima vez.

Na verdade, todo o ocorrido foi cuidadosamente planejado. Convidamos uma amiga psicóloga que a Milena nunca tinha visto antes, e que participou de toda a ação. Ela acompanhou bem de perto todos os passos da criança desde que esta deixou a mãe e correu para se esconder, até quando foi levada para os seguranças do shopping. Também se comunicava conosco via celular o tempo todo informando tudo o que estava acontecendo, enquanto nós ficamos fazendo companhia para a mãe para garantir que ela não estragasse tudo e saísse correndo atrás da filha.

Após os momentos naturais de conversa entre mãe e filha sobre o ocorrido, no qual a mãe (devidamente orientada) reforçava com a filha os perigos de fugir daquela maneira, as duas continuaram o passeio no shopping, agora com a filha nitidamente não largando a mãe de vista por um momento sequer.

Interessantes foram os rápidos resultados. Essa única ação foi suficiente para que a pequenina Milena fosse contra-condicionada a extinguir um comportamento indesejado. Segundo os pais, após esse dia ela nunca mais apresentou aquele comportamento.

Naturalmente que na ação o nosso foco não foi somente na criança. A mãe, pela experiência que vivenciou, recebeu também uma excepcional lição sobre métodos de educação. Este aprendizado, segundo ela, rompeu

muitas barreiras comportamentais suas o que lhe permitiu experimentar varias experiências sobre limites com a filha na seqüência, com resultados muito favoráveis.

Fica uma boa lição sobre o condicionamento de comportamentos indesejados. Se esses pais, na primeira vez em que a filha apresentou esse comportamento, tivessem reagido com energia, demonstrando insatisfação pelo ocorrido e apontando para a filha as possíveis conseqüências negativas do ato, usando até mesmo o recurso do castigo em alguns momentos e parabenizando (reforçando positivamente) a filha em outros quando ela mantinha o comportamento desejado, talvez não chegasse ao ponto em que chegou. No entanto, nas primeiras vezes, foi uma festa, todos enalteciam a ação. É lógico que a criança repetiu. Lembramos de uma criança que disse um palavrão pela primeira vez: putapaíu, e os pais deram risada. Passados alguns anos, a criança falava muitos palavrões e agora os pais lhe ameaçavam bater na boca, pois, “isso é feio”, diziam.

Cada vez que os pais têm que castigar um filho por conta de comportamentos indesejados, existe uma forte possibilidade de que eles sejam os principais culpados e agora, a exemplo do caso Milena, o filho é quem “paga o pato”.